<u>Poema do homem novo</u> António Gedeão

Enviado por:

Publicado em: 23/05/2007 21:40:00

Niels Armstrong pôs os pés na Lua e a Humanidade inteira saudou nele o Homem Novo. No calendário da História sublinhou-se com espesso traço o memorável feito.

Tudo nele era novo. Vestia quinze fatos sobrepostos. Primeiro, sobre a pele, cobrindo-o de alto a baixo, um colante poroso de rede tricotada para ventilação e temperatura próprias. Logo após, outros fatos, e outros e mais outros, catorze, no total, de película de nylon e borracha sintética. Envolvendo o conjunto, do tronco até os pés, na cabeça e nos braços, confusíssima trama de canais para circulação dos fluidos necessários, da água e do oxigénio. A cobrir tudo, enfim, como um balão de vento, um envólucro soprado de tela de alumínio. Capacete de rosca, de especial fibra de vidro, auscultadores e microfones, e, nas mãos penduradas, tentáculos programados, luvas com luz nos dedos.

Numa cama de rede, pendurada da parede do módulo, na majestade augusta do silêncio, dormia o Homem Novo a caminho da Lua.

Cá de longe, na Terra, num borborinho ansioso, bocas de espanto e olhos de humidade, todos se interpelavam e falavam do Homem Novo, do Homem Novo, do Homem Novo.

Sobre a Lua, Armstrong pôs finalmente os pés.

Caminhava hesitante e cauteloso, pé aqui, pé ali, as pernas afastadas, os braços insuflados como balões pneumáticos, o tronco debruçado sobre o solo.

Lá vai ele. Lá vai o Homem Novo medindo e calculando cada passo, puxando pelo corpo como bloco emperrado.

Mais um passo.

Mais outro.

Num sobrehumano esforço
levanta a mão sapuda e qualquer coisa nela.

Com redobrado alento avança mais um passo,
e a Humanidade inteira,
com o coração pequeno e ressequido,
viu, com os olhos que a terra há-de comer,
o Homem Novo espetar, no chão poeirento da Lua, a bandeira da sua Pátria,
exactamente como faria o Homem Velho.
